

O ESPAÇO DA “DISSEMINAÇÃO” NO MUNICÍPIO DE ASSAI-PR

THE SPACE OF “DISSEMINATION” IN ASSAI CITY-PR

Carla Holanda da Silva
Mestranda em Geografia
Universidade Federal do Paraná
carlageociencias@yahoo.com.br

Abstract

This article discusses the concept of dissemination, as proposed by Homi Bhabha (1998) in his book “The Location of culture”, highlighting the lived reality in the Brazilian municipality of Assai-Paraná. This region has been colonized by Japanese and still shows a great deal of cultural elements deriving from Japan. The research work investigates how processes of dissemination, defined as distribution but also as concentration of identities, have influenced the insertion of Japanese migrants into the national space of Brazil, thus, forming a new type of Nation-State of a postmodern character where identities are forged through relations.

Resumo

O presente trabalho apresenta o conceito da disseminação, desenvolvido por Homi Bhabha (1998), na sua obra “O Local da Cultura”, o relacionando com a realidade do município de Assai-PR. Esta região foi colonizada por japoneses e mostra ainda intensos sinais da cultura japonesa. O trabalho demonstra que o processo da disseminação como espalhamento e concentração de identidades acompanha a inserção dos imigrantes japoneses no espaço nacional do Brasil formando um Estado-nação de caráter pós-moderno, onde as identidades assumem um caráter relacional.

Palavras-Chave: “DissemiNação”; diáspora; territorialidades; cultura japonesa.

INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, iniciado pela globalização moderna do capitalismo iniciou-se uma ampla reorganização do mundo através de grandes correntes de migrações de pessoas e povos. Como esta forma de vivência surge exatamente na época quando se consolidam os Estados-nações, desenvolve-se um novo elemento social e identitário na sociedade, que ultrapassa a idéia da nacionalidade, o migrante. Este traz a sua bagagem cultural de um lugar para um outro e forma, assim, espaços de encontros culturais. Curiosamente, é apenas o desconstrutivismo pós-moderno que focaliza na figura do "cidadão fora do seu lugar", do migrante, numa forma positiva e teórica. Isto significa que também a geografia deveria ressaltar a importância de espaços híbridos além da identidade nacional e local.

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo discutir algumas idéias propostas por Homi. K. Bhabha em sua obra "O Local da Cultura" (1998), mais especificamente no capítulo "DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna" (p. 198-238). Neste livro, Bhabha aborda a discussão da nação moderna, sendo o mesmo descendente de imigrantes indianos na Inglaterra, e propõe uma teoria de territorialização sob o olhar dos migrantes, refugiados e émigrés, como o autor os denomina. Sugere, como proposta geográfica, a *Locality*, a "localidade da cultura" (p. 199), onde diferentes atores, tanto nacionais como estrangeiros (migrantes) se encontram dentro do estado Nação, nos guetos, nos cafés, nos novos costumes, na língua do outro, ou seja, em locais que agregam um misto de diferenças que estão a luz de uma nação.

Além desta proposta teórica de Bhabha (1998) procura-se estabelecer, neste artigo, ainda algumas ligações com outros teóricos de perspectivas semelhantes, como Stuart Hall (2001), jamaicano inglês, e Rogério Haesbaert da Costa (1999; 2005), gaúcho carioca.

Contudo, o nosso debate teórico refere-se principalmente às considerações de Bhabha para compreender a construção de novas territorialidades via diásporas (p. 198). Na diáspora, Bhabha destaca o processo da "DissemiNação", um processo de pertencimento identitário simultâneo a "dois mundos", o deixado e o encontrado. Neste contexto, a questão do território é fundamental. Este território oscila

entre um espaço material e simbólico, entre lugar concreto e metáfora reterritorializando o indivíduo nas suas redes de relações (HAESBAERT, 2004, p. 91).

Como o Brasil é um país quase exclusivamente formado por culturas imigrantes e migrantes, o processo da disseminação deve ser uma pedra fundamental na configuração do país. Curiosamente, entretanto, percebe-se que a temática é raramente abordada entre geógrafos e outros cientistas sociais, ainda menos existe uma teoria consistente da hibridização geográfica. Por isso, escolhemos como exemplo característico um espaço da disseminação, a realidade do município de Assai no norte pioneiro do Paraná. Este espaço deve a sua fundação e colonização a forte presença da etnia japonesa, que estabeleceu no local marcas de sua cultura, logo a identificação com a terra de origem produzindo, destarte, um processo de “DissemiNação”, ou seja posicionou o indivíduo e/ou o grupo em relação a duas semi - nações, neste caso Japão e Brasil. A concretização da vivência, entretanto, trazia consigo não apenas o contato de uma população com um espaço-palco brasileiro, mas também com elementos étnicos diferentes, como a convivência com outros imigrantes, por exemplo, do Nordeste brasileiro e da Europa. Neste trabalho, entretanto, focalizamos apenas a perspectiva da disseminação dos japoneses.

O conceito teórico da "DissemiNação"

Quando se fala de migrantes e do ato de migrar, não se refere apenas a um deslocamento de pessoas por um dado motivo, mas fala-se também da transposição de contextos estruturais que cercam estes indivíduos como costumes, línguas, tradições históricas. Estes são trazidos pelos sujeitos para o “novo” território no qual se realizam embutidos em outros contextos deixando surgir uma estrutura social mesclada.

Por isso, para Bhabha (1998, p. 198) esse movimento é acompanhado por uma dinâmica social contraditória, pois ao mesmo tempo em que há um movimento de dispersão, observa-se no novo lugar uma tendência à reunião dos exilados, dos “emigrés”, que se realiza às margens da cultura estrangeira, nos guetos, nos cafés e nas novas situações. Neste novo lugar de encontro reúnem-se sujeitos que recolhem tanto elementos do seu passado, as memórias de uma cultura desenraizada, como elementos do novo

ambiente (inclusive das culturas encontradas). O que predomina, entretanto, o fortalecimento de alguns elementos ditos tradicionais que marcam o novo território.

De modo que para esses sujeitos o novo território caracteriza-se como o local do encontro diaspórico, materializa aqui a nação moderna pós-colonial. Esta é definida por Bhabha (1998) como o "local da cultura", um lugar onde simultaneamente existem o real, o político e o simbólico, sendo esta situação detentora de diversas contradições. Nas palavras do autor trata-se de um

..entre-lugar deslizante, marginal e estranho, que, por resultar do confronto de dois ou mais sistemas culturais que dialogam de modo agoístico, é capaz de desestabilizar essencialismos e de estabelecer uma medição entre a teoria crítica e prática política. (BHABHA, 1998, sem p.)

Tal realidade desenha uma imagem da nação moderna ocidental que parece “...uma forma obscura e ubíqua de viver a localidade da cultura.” (BHABHA, 1998, p.199) Obscura no sentido de que os povos das diásporas sempre estão à margem da nação dominante que é vista e discursada por muitos, como algo unitário, homogêneo. No entanto, estas localidades e diferentes culturas, costumes, línguas fazem parte deste núcleo central como uma área liminar, onde estão presentes ao mesmo tempo o desenraizamento e o apego à particularidade.

Embutido nestes antagonismos e diferenças culturais e/ou sociais da nação homogênea, emergem os espaços das minorias, as localidades da cultura, Bhabha (1998) define esse espaço como um lugar das contradições com as seguintes características:

... uma forma de vida mais complexa que ‘comunidade’, mais simbólica que a ‘sociedade’, mais conotativa que ‘país’, menos patriótica que a *pátrie*, mais retórica que a razão do Estado, mais mitológica que a ideologia, menos homogênea que a hegemonia, menos centrada que o cidadão, mais coletiva que ‘o sujeito’... (p.199).

Assim, a nação pós-colonial apresenta-se, diferente da nação colonial, como um local da cultura que se materializa via os seus imigrantes. Esta De-limitação da nação moderna, Bhabha (1998) define como “DissemiNação”, ou seja, *Dis – semi – Nação* (p. 198). Trata-se de um jogo de palavras que remete a expressão ao espalhar das identidades em uma nação, causado pelo fato que o migrante ter em si materializado um novo território que reúne duas semi-nações. Por isso, Bhabha (1998) explica a composição das nações modernas, em grande parte, por situações de *différance* (DERRIDA, 1991) onde a *pátria* e a *diáspora* tornam-se elementos inseparáveis pelo fato que um define o outro.

O próprio migrante torna-se, destarte, através da sua existência liminar um espelho dos outros, porque representa simultaneamente os dois mundos presentes nele e materializados no seu território trazendo à tona a identidade própria como uma identidade do outro em relação à identidade encontrada. Mas ele mesmo também reflete-se nesta situação, como espelho, porque enxerga a sua própria identidade numa outra.

Nesta situação de espelhamento duplo surge a necessidade de criar uma situação real, principalmente do lado do migrante, pois ele precisa encontrar algo comum no ambiente novo que lembre a sua própria natureza, seja por meio de encontros com indivíduos que apresentam histórias comuns a ele, simbologias parecidas ou pontes lingüísticas entendíveis para ele compartilhar de costumes.

Dessa maneira, entende-se uma nação moderna enquanto espaço de espelhos mútuos da diáspora e dos naturais, da contradição que muitas vezes não é vista ou da qual não há a necessidade de que se enxergue. Tradicionalmente, a nação representa um espaço homogêneo e até totalitário, onde todos os sujeitos se conformam por um discurso identitário sob influência dos interesses das classes dirigentes. A partir do momento que se prega homogeneidade, esta está se transformando em um território de tradição, com barreiras firmes impondo uma nação, geralmente de cunho ocidental, com sua estrutura coesa e homogênea, sobre um contexto híbrido que, em muitos casos, acaba transportando a agressividade (da não-compreensão) da minoria para o outro, neste caso da nação clássica. A diáspora comum em países deste tipo deixa surgir, conseqüentemente, um outro tipo de nação, uma "...nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população." (BHABHA, 1998, p. 209). Assim, a "nação" é barrada por ela própria, porque o seu discurso hegemônico (e imperialista) sempre é acompanhado por um discurso lateral que o questiona. Este questionamento forma uma "representação da territorialidade moderna da "nação" a qual, durante este processo, "se transforma na temporalidade arcaica, atávica, do tradicionalismo" (BHABHA, 1998, p.211).

Destarte, a sociedade da nação pós-moderna é um produto de um jogo social de identidades, uma configuração espacial onde o simbólico e o material são instrumentalizados para produzir um espaço discursivo (ou narrativo) de *différance* (DERRIDA, 1991).

A territorialidade da nação como territorialidade imaginada

A territorialidade de uma nação nunca é natural, mas sempre construída em base de diferenças culturais (ANDERSON, apud Bhabha, 1998). Por isso, ela traz consigo uma conotação que destaca o território como espaço simbólico e afetivo, sendo materializado apenas na forma do seu uso cotidiano. Assim, a esfera simbólica exerce um poder maior no seu valor de uso do que o próprio controle político do espaço nacional. Consequentemente, a identificação através do vivido, pela subjetividade, é chamada “identificação positiva” com o local como uma força expressiva na formação do espaço nacional. Devido ao grande número de pessoas vivendo no mesmo espaço e devido à multiplicidade das histórias culturais que se encontram, hoje, através da migração num único espaço, este território simbólico da nação configura-se de novo, mas agora como múltiplo, diverso, subjetivo e complexo (HAESBAERT, 2005, p. 6775).

Sob a perspectiva do território simbólico observa-se que muitas vezes as novas formas do território nacional coincidem com um contexto de descontinuidade material. Por isso, as materializações fragmentadas das representações necessitam o que Hall (2001) chama de “comunidade simbólica” para garantir uma certa coesão social. O migrante tem um papel interessante neste processo. Se faz presente como sujeito que já vivia num lugar de alteridade onde tinha se construído um complexo de ligações intensas com um território definido, geralmente por meio de tradições, línguas, paisagens etc. Contudo, por algum motivo, este migrante migrou transpondo barreiras naturais e culturais levando consigo os antigos contextos para recontextualiza-los em novos contextos. Quando essas pessoas-migrantes chegam no novo local, elas começam reconstruir novos locais com identidades que agora surgem em confronto com as culturas, tradições e costumes encontradas e formam, destarte, uma identidade não-territorializada da cultura de origem, até uma identidade relacional. Agora, esta é apenas simbolicamente demarcada e, em muitos casos, aparece moderadamente assimilada sem perder sua identidade de origem no novo ambiente. Por causa dessa virtualidade simbólica os migrantes representam um entre-espaço entre “dois mundos”, fruto tanto de suas vivências no local de sua origem como da contextualização nas novas regiões em diásporas, como observamos no período atual pós-

colonial com grande quantidade, quando muitos imigrantes participam na criação de novas realidades nacionais (HALL, 2001).

A partir do momento em que se transpõe as barreiras de identidades tradicionais da nação e seus limites físicos, passa a existir uma pluriculturalidade formada então como “identidades transterritoriais”. Este tipo de identidade começa vigorar principalmente por causa do grande número de migrações transnacionais. Realizam-se, assim, no território do tradicional Estado-nação mesclas identitárias que carregam, além das identidades originais e dessas da chegada, ainda identidades globais que desfrutam diretamente do processo da globalização e da modernização. Porém, estas identidades globais ou transterritoriais não excluem as identidades territoriais tradicionais e são pautadas como uma identificação social de indivíduos (particulares e/ou coletividade) materializadas no espaço concreto que, de certa forma, incorporam-se num território “global” formando identidades reflexivas (cf. GIDDENS 1991, p. 77).

Nesse sentido, a discussão de “identidades transterritoriais”, como aponta Bhabha (1998, p.198) focaliza a nação moderna como um núcleo de formação de “identidades transterritoriais” por meio do processo de “Dis-semi-Nação”. Nele acontece a transposição dos limites físicos do território e se desenrola a aproximação do local com o global via migração (cf. ZYGMUNT BAUMANN, 1999).

Contudo, é preciso destacar que um território em qualquer de suas instâncias é formado por relações e ações de poder. Isto significa que territorialidades tradicionais e homogenizadas muitas vezes escondem territorialidades construídas por outras formas, como por exemplo espaços de organização e abrangência definidos pelo sistema capitalista ou de órgãos públicos do Estado-nação, até de forças armadas. Neste sentido, as territorialidades do Estado-nação representam um poder hegemônico na modernidade que se sobrepõe em cima de outras formas, inclusive estas de minorias. Por isso, a resistênica de grupos minoritárias deixa surgir lutas através da declaração de significados, principalmente no início de uma luta, e reivindicações de um território por meio da identificação de valores e de sentidos, ou de outras formas não materiais para poder resuscitar um local que abrigará várias identidades de recém-chegados. Como não existe território sem identidade, a luta pelo território passa sempre por uma luta para uma identidade (HAESBAERT 1999, p. 17).

A forte identificação com um determinado espaço coincide com uma luta pelo poder por meio de símbolos e remete a discussão às dimensões psicológicas, principalmente aos sentimentos de pertencimento e o desejo de controle/dominação no quadro de uma determinada cultura e/ou sociedade, semelhante à Topofilia de TUAN (1980). Conseqüentemente, a identidade não representa apenas uma ligação com um determinado espaço, mas também um apego a simbologias. As duas esferas relacionam o indivíduo na sua formação psicológica com sua cultura e etnia. Forma-se então, uma “construção coletiva” de uma identidade territorial.

Destarte, a identidade pode ser compreendida como “... uma identidade social definida fundamentalmente através do território...” (HAESBAERT, 1999, p. 19). Trata-se da aplicação de idéias na realidade concreta e vivida do espaço geográfico, de uma construção sócio-espacial. Assim, a questão da identidade é tanto definida por sentimentos subjetivos de pertencimento, quanto é relacionada através de idéias objetivas desenvolvidos no quadro de uma cultura e do espaço, pois “... a identidade do sujeito se equivale à própria historia do grupo ao qual esse presta lealdade” e desta maneira, “as subjetividades individuais e coletivas são a matéria-prima das identidades” (WASSERMAN, 2001, p. 13).

Dessa forma, o fenômeno cultural é vivenciado pelo grupo e se expressa no território que ele ocupa, servindo, portanto, como inspirador e parâmetro das formas de organização social. Através da identidade cultural, um grupo social se identifica e é reconhecido pelos demais. (BEZZI, 2002, p. 292)

Assim, fica claro que a construção coletiva de uma identidade no território se origina de formas culturais e sociais que criam territórios, as denominadas territorialidades (RAFFESTIN 1983, p. 158). A disseminação é neste sentido uma territorialização específica oscilando entre o subjetivo e o objetivo mas também participando no processo da espacialização através de outra “DissemiNação”, que propõe um estágio liminar entre o Estado-nação e as regiões vivenciadas dos cidadãos, tanto nacionais como imigrantes (Bhabha 1998, p.206). Nessas territorialidades construídas estão presentes grande em parte a identidade cultural da atualidade, tanto individual como coletivamente. Principalmente os imigrantes contribuem, assim, através da transferência de características de outras identidades a reformulação da cultura já existente, da cultura hegemônica. Deste modo travam-se nessas territorialidades lutas entre identidades e/ou diferenças culturais, as que tentam emergir e as que desejam se impor. O processo

migratório fragmenta ou dissemina, desta maneira, os códigos culturais em determinados territórios, fortalecendo ou enfraquecendo identidades, sentimentos nacionalistas e movimentos culturais.

Um caso de “DissemiNação”: Os japoneses brasileiros de Assai - PR

Como grandes partes do Brasil, o Paraná é um Estado basicamente formado por imigrantes. Por isso, espera-se aqui um campo experimental para compreender o funcionamento do processo de disseminação, como é definido por Bhabha (1998). O Brasil apresenta-se, como todos os Estados do chamado Novo Mundo, com uma categoria particular de nacionalidade, bem diferente de grandes partes das regiões europeias ou asiáticas.

Nesse contexto, o município de Assai, no norte do Paraná, destaca-se pela sua característica de dominância de imigrantes japoneses, pois teve como elemento fundamental para sua formação a diáspora japonesa. No entanto, vale destacar que essa realidade não é comum apenas no município em questão, mas em várias regiões do território brasileiro, principalmente em São Paulo e outras partes do Paraná. Além disso, outras nações oferecem mini-hegemonias no espaço paranaense como, em São Mateus do Sul os Poloneses, em Prudentópolis os Ucrânicos e em Carambeí os Holandeses (SAHR, LÖWEN SAHR 2003, p.402/403). Em outras áreas aparece ainda certa mescla de etnias, como no Sudoeste do Estado onde predominam imigrantes gaúchos de descendência italiana e alemã. Todos estes espaços são marcados por certa heterogeneidade enquanto nação, oriunda da migração de diferentes etnias, mas com um jogo diferencial de identidades na sua estrutura interna.

No caso de Assai-PR, o conceito da “DissemiNação” permite definir bem o processo de territorialização do imigrante, por meio de um jogo de palavras. Neste espaço o migrante existe na tentativa de espalhar-se e de fixar-se no novo território. Assim, espalha-se a nação de origem, mas concentra-se também a nova nação, deixando os imigrantes sendo encravados em dois mundos. As duas realidades são representadas por meio de simbologias no território que os migrantes ocupam na sua materialidade. O

momento da integração realiza-se quando, no encontro dos dois mundos, os migrantes se fixam no novo local trazendo consigo os seus significados e símbolos antigos através das suas tradições e formações da paisagem.

Este tipo de encontro fica nítido na região no nome do município. Pois, a palavra Assahi é japonesa e significa “sol nascente” na língua japonesa. Asari (1992) coloca que essa ligação entre o nome do núcleo urbano da colônia com a língua de origem mostra “[...] um desejo de construir na área um local onde estivessem contidas as características da terra natal dos imigrantes, visto que o Japão é considerado a terra do sol nascente” (ASARI, 1992, p. 22). Mas enquanto os símbolos vêm do Japão, a arquitetura das casas e as técnicas de agricultura têm que se adaptar ao meio natural e cultural do Brasil. Por isso, os imigrantes entram no novo ambiente com dificuldades, abrindo picadas na mata virgem, onde encontram figueiras, cedros, perobas, todas árvores desconhecidas da terra de origem. Rapidamente, é uma questão de sobrevivência planta-se mandioca, e pouco depois café, ainda mais tarde rami e algodão, todo isto já no primeiro ano quando chegam na região em 1934 (OGUIDO 1988, p. 90).

Para não perder a identidade de origem neste mundo de necessidades do modo cotidiano, no desejo de aproximar o novo território do deixado, os japoneses materializam a sua identidade mediante presença de um portal de origem oriental estabelecido logo na entrada do município, símbolo que indica que o território a ser adentrado tem entranhado em suas raízes a colonização e a cultura japonesa.

Esse processo de aproximação de identidades entre a atividade agrária vivida (brasileira) e a atividade simbólica (japonesa) é colocado por Bhabha sob uma temporalidade dupla a qual o autor define como diferença entre o “pedagógico” e o “performático”. O pedagógico trata do processo de construção e afirmação histórica da identidade e o performático é ligado à perda da identidade no processo de “significação da identificação cultural” (1998, p. 216). As duas esferas se encaixam na realidade proposta pela diáspora japonesa em Assai, pois ao mesmo tempo em que há uma contínua necessidade de afirmação e reconstrução identitária, há também a perda do seu significado dentro da esfera contemporânea do cotidiano, ainda mais em confronto com as outras realidades nacionais. Assim, as duas esferas, a performática (vivida) e a pedagógica (simbólica) articulam-se de maneira ansiosa, segundo Bhabha (1998, p. 209).

Em relação à questão da perda de identidade, os descendentes dos japoneses fazem o possível para manter viva a identidade japonesa dentro da nação brasileira. No entanto, apesar do sucesso econômico e de formarem a maior colônia fora da terra de origem, após 100 anos de imigração japonesa ainda se sentem excluídos de algumas atividades do país. Isto vale especialmente para a inclusão política e cultural onde não possuem grande representatividade na sociedade nacional, o que fortalece um enfraquecimento da identidade cultural japonesa, mas de outro lado também se explica pelo sucesso da manutenção da identidade japonesa.

Assim, a diáspora japonesa no município de Assai pode bem servir com exemplo do processo de disseminação, como propõe Bhabha (1998), pois apresenta-se como encontro diaspórico, da tradução cultural quando tenta equiparar a nova realidade com a deixada, equiparação e encontro que se realizam pela linguagem, pelos simbolismos, as tradições, pois todas as partes da cultura tanto da cultura material como da imaterial se vêm confrontados com a construção de uma nova nação, a nação brasileira.

Considerações Finais

A discussão da obra de Bhabha (1998) deixa claro que o município de Assai se encaixa na dinâmica da “DissemiNação”, pois está repleto de simbolismos e sentimentos de pertencimento à cultura japonesa que o acompanham a vivência cotidiana dos seus moradores desde o início da sua colonização. A aproximação entre os dois mundos realiza-se via a relação suplementar entre o cotidiano brasileiro e o simbólico japonês, como mostram as construções que remetessem a terra de origem, como os templos budistas, as formas dos tetos das casas, os parques étnicos, além das festividades, dos costumes, e outros elementos deslocalizados da terra de origem. Esses simbolismos materializados no território são expressão de um poder simbólico que garante, através da construção de uma identidade relacional a coesão cultural dos seus moradores que se estabeleceram no local.

No entanto, se faz relevante salientar que essa é uma relação possível de estar presente nas mais diversas regiões do Brasil, em todos os locais que receberam imigrantes e que foram influenciados e influenciaram apenas parcialmente pelas culturas do

Estado-nação criando nos indivíduos a possibilidade de pertencer e ter encravado em si ‘dois mundos’ no processo de “DissemiNação”.

Referencias bibliográficas

ASARI, Alice Yatiyo. “... **E eu só queria voltar ao Japão**” (Colonos japoneses em Assai). 1992. Tese (Doutorado em geografia) – USP, São Paulo.

BAUMANN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio, Jorge Zahar Editor, 1999.

BHABHA, Homi K. DISSEMINAÇÃO: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: BHABHA, Homi K. (Org.). **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BEZZI, M. L. Região como foco de identidade cultural. **Geografia**. v. 27, n. 1, abril, 2002. p. 5-19.

DERRIDA, Jacques. *La différance*, In: Marges de la Philosophie. Les Éditions de Minuit, Paris. Tradução para o português de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. *A Diferença*. In: **Margens da Filosofia**, Papyrus Editora, 1991, Campinas, São Paulo - Brasil, pp. 33 - 63.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guracira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Região, diversidade territorial e globalização. **GEOGRAPHIA**, Revista de Pós-graduação em Geografia da UFF. Rio de Janeiro: UFF, ano 1, n. 2, p.15-39, 1999.

_____. **O mito da desterritorialização: do ‘fim dos territórios’ à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina: Por Uma geografia da América Latina: Do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade**. São Paulo: Departamento de Geografia/FFLCH/USP, 2005, p. 6774-6792.

OGUIDO, Homero. **A saga dos japoneses no Paraná**. Curitiba, 1989.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Atica, 1983.

SAHR, Wolf-Dietrich, LÖWEN SAHR, Cicilian. A imagem turística cultural do Planalto dos Campos Gerais. Em: DITZEL, Carmencita de Holleben Mello, LÖWEN SAHR, Cicilian luiza (orgs.): **Espaço e cultura. Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2003, p. 393-414.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

WASSERMAN, Cláudia. Identidade: Conceito, teoria e história. In: **Agora**. Santa Cruz do Sul. N. 7, v.2, jul/dez, 2001. p. 7-19.

O comércio eletrônico vem se destacando cada vez mais no Brasil, tendo como foco principal os grandes centros urbanos. Por outro lado, sua disseminação parece atingir diversos locais, dentre eles a região do interior do estado de more. O comércio eletrônico vem se destacando cada vez mais no Brasil, tendo como foco principal os grandes centros urbanos. Por outro lado, sua disseminação parece atingir diversos locais, dentre eles a região do interior do estado de Pernambuco, em especial a zona da Mata Norte, devido a seu posicionamento estratégico. Neste cenário, este estudo buscou entender q 2001 Odisseia no Espaço. Coleção de Fernando Matias. 421. Pins. 2001 Uma Odisseia No Espaço Series E Filmes Preto E Branco Séries Tv Parede Frases Martin Scorsese Alfred Hitchcock Guerra Nas Estrelas. Exposição Stanley Kubrick no MIS, em São Paulo. Odisseia Porta Retrato Fotos Incríveis Filmes Stanley Kubrick 2001 Uma Odisseia No Espaço Nascido Para Matar Crônica De Filme Programas De Tv. l'Espresso - News e approfondimenti. constituindo-se um espaço privilegiado de encontros e interações (Baptista, Tomá, Matos, Gaspar, & Cruz, 2008). O papel do professor é fundamental na promoção de capacidades de decisão. e de escolha de estilos de vida saudáveis pelos adolescentes (Baptista, Tomá, Matos, Gaspar, & Cruz, 2008). A alteração de um relacionamento directo e. pessoal entre alunos e professores durante o primeiro ciclo, para um contacto.